

BARBAS DE MOLHO

Que candidato sobrevive a um rigoroso teste de coerência?

MARCELO DE PAIVA ABREU

Os resultados das recentes pesquisas eleitorais tendem a consolidar *Ciro Gomes* na segunda posição e, portanto, com condições de passar ao segundo turno das eleições presidenciais e até tornar-se o sucessor de *Fernando Henrique Cardoso*.

Nas altas esferas do PT e do PSDB, as manifestações prematuras de vitória, ou de tranqüila progressão ao segundo turno, foram substituídas por barbas de molho e reavaliações de todo o tipo. *Ciro Gomes* passou a ser o alvo principal da artilharia de que possam dispor *Lula* ou *José Serra* para afundar a sua candidatura. Nestes ataques ocupa lugar preeminente a cobrança de coerência de um candidato reconhecidamente propenso a veemências e, portanto, cujas mudanças de curso tornam-se mais penosas. Mas, quem, entre os candidatos, estará em condições de atirar a primeira pedra quando se trata de assegurar coerência imaculada no correr da carreira política? É fácil mostrar que as opiniões de *Ciro Gomes* quanto à dívida pública mudaram bastante nos últimos meses. Mas, por acaso mantiveram-se firmes as posições de *Lula* quanto às dívidas externa e interna ou à reversão das privatizações?

Qual o parentesco entre as idéias do *Serra* gastador do primeiro mandato de *FHC* e o *Serra* que hoje se diz austero? Ou entre o velho *Serra* e as reformas implementadas durante os governos *FHC*, dos quais fez parte? Cobranças sérias de coerência intertemporal aplicadas apartidariamente eliminariam todos os candidatos da liça presidencial.

A disputa das eleições presidenciais começou a ser jogada com os candidatos apresentando "programas" eleitoreiros marcados por total irrealismo. À medida que avançam as campanhas, o debate público estimula o realismo político. Talvez o melhor exemplo disto, na eleição de 2002, seja o programa do PT, que gradativamente aproxima-se de algo aparentado com o mundo real. Entretanto, perdura a incerteza sobre em que a medida as políticas efetivas de governo refletirão os programas iniciais ou os programas recauchutados sob pressão.

Ciro Gomes beneficiou-se mais dos erros dos seus opositores do que de suas próprias virtudes, embora seja incontestável sua superioridade carismática em relação aos dois maiores rivais. *José Serra* está pagando o preço de ter adotado uma estratégia política baseada em dois equívocos: o abandono precipitado do lado positivo da herança do governo *FHC* e a marginalização do PFL do arco de alianças penosamente costurado pelo presidente. Parte do sucesso de *Ciro Gomes* deve-se ao vácuo deixado "à direita" por um *José Serra* excessivamente preocupado em desvincular-se do que seus colaboradores mais desabridos rotulam de fernando-malanismo. Ao tentar marginalizar o PFL, a começar pelo patrocínio da eleição de *Jáder Barbalho* para a presidência do Senado e passando pelas brumas do affaire *Roseana Sarney*, *Serra* estimulou a represália das velhas raposas do PFL dispostas a quase tudo para impedir a sua vitória. O programa do PSDB é, além disto, superficial e está longe de refletir o melhor preparo técnico de seu candidato, peça importante da propaganda partidária. Já *Lula* revela persistente capacidade de emitir opiniões estapafúrdias, especialmente no terreno econômico, superando amplamente a capacidade de reparação de sua esfalfada assessoria. Jóias mais recentes incluem a eleição de dirigentes de estatais por seus funcionários, a flexibilização do ajuste fiscal dos municípios e a ressurreição da *Sudene*.

José Dirceu tem revelado estar à altura do candidato ao defender um governo de "produtores" e não de tecnocratas...

A reviravolta gomista aguçou o apetite de analistas quanto à extração de lições da nova história de eleições presidenciais anteriores. Cristiano Machado, candidato pelo fisiológico Partido Social Democrático em 1950, tem sido lembrado porque foi "cristianizado", isto é, abandonado à própria sorte, por muitas lideranças de seu partido, algo que, alguns temem, possa ocorrer com José Serra. Em 1960, Juscelino Kubitschek, interessado prioritariamente na sua volta ao Planalto em 1965, distanciou-se do candidato de seu partido, Henrique Lott, e permitiu a sua "cristianização".

A relevância destes paralelos depende hoje de como reagirá FHC às dificuldades que afetam a candidatura oficial. Em meio a denúncias do messianismo de Ciro Gomes têm sido brandidos os desastrosos exemplos de Jânio Quadros e Fernando Collor. Mas as comparações parecem forçadas. O currículo de Ciro como governador, prefeito e ministro não se compara com a alta volatilidade da meteórica carreira de mandatos quase todos interrompidos de Quadros e a estreiteza da vida política pregressa de Collor em Alagoas. De qualquer forma, também nestes casos os messiânicos candidatos vitoriosos foram muito afortunados ao terem como adversários o pesadíssimo Marechal Lott e Lula no verdor de seu radicalismo.

De um ponto de vista suprapartidário e em meio às dúvidas, só resta esperar que a disputa eleitoral contribua para que os candidatos tentem remendar as suas idéias e propostas para recuperação do crescimento sustentado com mais justiça social e sem ameaça à estabilidade. A Serra parece agora aplicar-se adequadamente o dito johnsoniano levemente adaptado: "A mente do homem é maravilhosamente concentrada quando sabe que pode ser enforcado dentro de duas semanas." Ciro Gomes terá de assegurar o eleitorado de que não tem a volatilidade que por vezes parece ter e que convergirá para idéias que possam servir de base para um governo de união nacional como propõe. Lula, embora lidere as pesquisas, tem talvez a tarefa mais difícil: conseguir ficar um tempo razoavelmente longo sem ventilar proposta descabida e mostrar que não é, mais uma vez, candidato a morrer na praia

Marcelo de Paiva Abreu é professor do Departamento de Economia da PUC-Rio